

DAVID FOSTER WALLACE



FICANDO LONGE

DO FATO DE JÁ

ESTAR MEIO

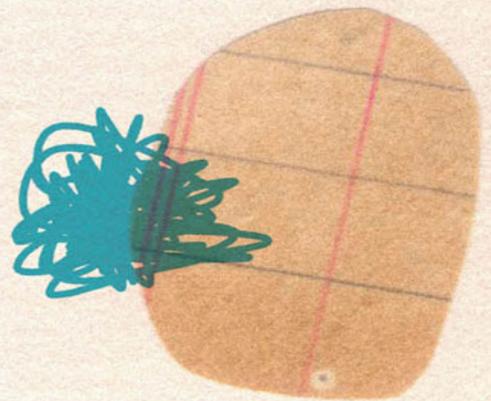
QUE

LONGE

DE TUDO



ENSAIOS



COMPANHIA DAS LETRAS

DAVID FOSTER WALLACE

Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo

Tradução

Daniel Galera e Daniel Pellizzari

Seleção e prefácio

Daniel Galera



Sumário

Prefácio: Preste atenção — *Daniel Galera*

1. Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo
2. Uma coisa supostamente divertida que eu nunca mais vou fazer
3. Alguns comentários sobre a graça de Kafka dos quais provavelmente não se omitiu o bastante
4. Pense na lagosta
5. Isto é água
6. Federer como experiência religiosa

Prefácio

Preste atenção

Daniel Galera

Quando se diz que David Foster Wallace foi um dos escritores mais importantes de sua geração, leitores distantemente cientes ou mesmo íntimos de sua obra quase sempre pensam em sua prosa de ficção, em especial na sua obra-prima *Infinite Jest*, o romance de 1100 páginas publicado em 1996 que catapultou o autor à posição de ícone geracional nos Estados Unidos. Wallace também é tido como um escritor difícil, experimental, inclinado a testar ou mesmo torturar o leitor com virtuosismo técnico, exibicionismo vocabular, enumerações enciclopédicas, notas de rodapé em cascata e orações subordinadas que serpenteiam por páginas. Seus livros podem assustar pela extensão, pela linguagem, pela densidade e pela complexidade. Tudo isso é verdade.

Também é verdade que poucos autores recentes — ou nenhum, se ficarmos na esfera reduzida da literatura que por falta de termo melhor podemos chamar de “exigente” — foram capazes de estabelecer uma conexão tão íntima com seus leitores. Quando Wallace se matou, em 2008, aos 46 anos, a internet foi inundada por depoimentos emocionados de leitores que pareciam ter perdido um amigo próximo ou mesmo um parente. Era uma intimidade insuspeitada, cujas reais dimensões só se revelaram quando se espalhou a notícia chocante de que aquela voz, que para tantos soava como uma extensão de seus próprios discursos internos, a voz da autoconsciência, tinha se retirado do mundo sem aviso.

Essa comoção, fartamente documentada em fóruns literários, blogs e elegias póstumas nos cadernos culturais, deu nova relevância a duas perguntas: 1) Como uma obra tão marcada pela dificuldade pode gerar

tamanha empatia? e 2) Como convencer o leitor em geral, e em particular o brasileiro, a se aventurar nesse terreno com fama de íngreme em busca das propagandeadas recompensas? A resposta para as duas perguntas pode estar na outra grande vertente da escrita de David Foster Wallace: as reportagens, ensaios e demais textos de não ficção.

Em 2005 a Companhia das Letras publicou no Brasil o livro de contos *Breves entrevistas com homens hediondos*, que até a chegada da presente antologia permaneceu sendo o único livro de Wallace traduzido no país. A recepção por parte da crítica e do público brasileiros foi muito tímida. Lançado originalmente em 1999, após o sucesso de *Infinite Jest*, o livro contém alguns de seus contos mais admirados e bem realizados, entre eles “Octeto”, “A pessoa deprimida”, “Para sempre em cima”, e algumas das entrevistas fictícias com homens hediondos que dão título ao volume. O conjunto é desigual, permeado de explorações estilísticas e metaficcionalis, alternando momentos de poderoso envolvimento narrativo com exercícios de linguagem que podem funcionar para poucos. Podemos apenas especular se o primeiro livro de contos de Wallace, *Girl with Curious Hair* [Garota de cabelo esquisito], publicado em 1989 e em muitos sentidos mais acessível, teria atraído um número maior de leitores, e é compreensível que se tenha adiado até recentemente a aventura de traduzir um livro vasto e complicado como *Infinite Jest* no Brasil (o tradutor Caetano W. Galindo está se dedicando à empreitada). O fato é que, à exceção de um pequeno séquito de entusiastas, que em boa parte já tinha condições de desfrutar da produção do autor no idioma original, Wallace permaneceu praticamente desconhecido pelo leitor brasileiro até 2008, quando o choque de sua morte mudou um pouquinho a situação. Mas não muito.

O que nos traz a este livro. Por que uma antologia? Mais que isso, por que *esta* antologia?

Como era de se esperar, o suicídio de David Foster Wallace, justamente por seu caráter trágico e impactante, despertou um interesse renovado por sua vida e obra nos Estados Unidos e no resto do mundo. A revelação de que ele sofria de depressão crônica desde a adolescência — surpreendente se contemplamos a ambição e a consistência de sua produção, mas também coerente com detalhes conhecidos de sua biografia e sobretudo com a precisão exasperante com que tratou do tema em seus contos e romances — e a informação de que havia deixado os originais inacabados de seu primeiro romance desde *Infinite Jest* (publicado em 2011, *The Pale King* foi

recebido com entusiasmo por público e crítica) contribuíram para consolidá-lo rapidamente como uma figura literária cultuada.

Ainda em 2008, poucas semanas após a morte de Wallace, quando já começavam a surgir os primeiros sinais desse reconhecimento póstumo, entrei em contato com sua agente, Bonnie Nadell, propondo organizar e publicar no Brasil uma antologia de seus textos de não ficção, escolhendo os melhores dentre os mais acessíveis, na esperança de apresentá-lo uma segunda vez aos leitores brasileiros e quem sabe, no futuro, abrir caminho para a publicação do restante de sua obra no país. O que parecia ser um tiro no escuro acabou acertando o alvo. A agente não apenas gostou da ideia como informou que uma experiência semelhante havia sido realizada na Alemanha, resultando em boa recepção não somente para a antologia, mas também para outros títulos de Wallace traduzidos na sequência. Montei o projeto com a ajuda dela, e a Companhia das Letras embarcou sem titubear.

Exponho aqui a gênese desta antologia para esclarecer que não se trata necessariamente de uma coleção dos melhores textos dentro do conjunto da obra do autor, tampouco dos melhores ou mais importantes dentro de toda sua produção não ficcional. A intenção é a de oferecer uma introdução, ou, melhor ainda, uma *apresentação* do autor para aqueles que ainda não tiveram a oportunidade de conhecê-lo ou não conseguiram se sentir envolvidos por seu trabalho num primeiro contato e, ao mesmo tempo, tornar disponíveis também em língua portuguesa alguns textos que os leitores iniciados conheciam apenas no idioma original. Sendo assim, buscou-se uma seleção sucinta e ao mesmo tempo variada de reportagens, palestras e ensaios. A proposta é reforçada pelo fato de que alguns de seus melhores e mais importantes textos de não ficção *estão* entre os mais acessíveis e bem-humorados.

Além disso, é um erro ver a não ficção de Wallace à sombra de sua ficção, o que espero que venha a ficar claro após a leitura dos textos. O próprio Wallace gostava de desdenhar de suas incursões no mundo da reportagem e do ensaio. Numa entrevista concedida ao programa de televisão *The Charlie Rose Show* em 1997, logo após a publicação de seu primeiro volume de ensaios, *A Supposedly Fun Thing I'll Never Do Again* [Uma coisa supostamente divertida que eu nunca mais vou fazer], ele declarou: “Penso em mim como um escritor de ficção, e um escritor de ficção sem lá muita experiência, então se tem alguma gracinha por trás de vários ensaios do livro, essa gracinha é ‘Ai, puxa, olha só para mim, um não

jornalista que foi enviado para cobrir essas coisas jornalísticas””. A gracinha por trás da própria tirada autodepreciativa é que muitos ensaios de Wallace são brilhantes e influentes justamente por causa dessa *persona* de escritor brincando de jornalista, a qual se revela por meio de uma grande inventividade narrativa e um assombroso poder de observação. A marca deixada por Wallace no jornalismo literário atual é comparável à de Hunter S. Thompson e pode ser verificada no estilo de novos ensaístas americanos como John Jeremiah Sullivan.

No conjunto, sua não ficção elabora com humor, sofisticação intelectual e uma atenção descomunal ao detalhe os mesmos temas centrais de sua ficção, entre os quais podemos citar o narcisismo como motor da alienação moderna, o poder destrutivo da ironia alçada à condição de visão de mundo totalizante, o niilismo travestido de liberdade e inconformidade, o preço espiritual dos vícios (em especial o vício em entretenimento) e a questão do que podemos fazer para tentar fugir da prisão de nossas próprias cabeças, caso esta não seja uma batalha perdida. A julgar por boa parte do que escreveu, Wallace tinha esperança na batalha. Numa entrevista de 1993,¹ ele afirmou: “A ficção pode oferecer uma visão de mundo tão sombria quanto desejar, mas para ser realmente muito boa ela precisa encontrar uma maneira de, ao mesmo tempo, retratar o mundo e iluminar as possibilidades de permanecer vivo e humano dentro dele”.

David Foster Wallace nasceu em fevereiro de 1962 em Ithaca, Nova York, e passou a infância e a juventude em cidades pequenas do estado de Illinois, no modorrento Meio-Oeste americano. Herdou dos pais o interesse por filosofia e literatura — o pai é filósofo e a mãe professora de inglês — e desenvolveu ao mesmo tempo um interesse profundo pelo tênis, chegando a participar de torneios juvenis. Formou-se em filosofia e letras pela Universidade de Amherst, e seus trabalhos de conclusão para esses cursos foram respectivamente a tese *Richard Taylor's 'Fatalism' and the Semantics of Physical Modality* [“Fatalismo” de Richard Taylor e a semântica da modalidade física] e o romance *The Broom of the System* [A vassoura do sistema], que seria publicado em 1987 e o colocaria instantaneamente no radar da literatura americana. Antes de ser percebido como escritor, Wallace foi visto como um prodígio acadêmico. O mundo parecia esperar que ele se tornasse um filósofo ou matemático, mas foi na literatura de ficção que,

após uma crise emocional severa, ele acabou encontrando um ponto de apoio e uma válvula de escape para seu talento pressurizado. *Girl with Curious Hair*, seu livro seguinte, é uma coletânea de contos notável, mas teve recepção morna. Em 1996, porém, todas as expectativas seriam superadas com a chegada de *Infinite Jest*.

Colossal em tamanho e ousadia, fragmentado e saturado de informação como a existência moderna, o livro estabeleceu um novo parâmetro de ambição para os seus contemporâneos e cristalizou de maneira gloriosa o projeto literário de seu autor: conciliar o experimentalismo formal de seus heróis pós-modernistas, como John Barth, Donald Barthelme e William Gaddis, com a força emotiva da literatura mais convencional e a preocupação moral propositiva do romance social. Para Wallace, a nova vanguarda precisava ser um pouco conservadora. Se a forma do romance deve se adaptar aos tempos, é para que ele continue propondo ao leitor maneiras de compreender o mundo e viver uma vida melhor. Em *Infinite Jest*, ao tematizar o vício e o entretenimento vazio e radicalizar a descrição da autoconsciência de seus personagens com recursos metaficcionalis, digressões sucessivas e notas de rodapé em profusão, Wallace apontou para o que julgava mais urgente transcendermos se quiséssemos ter uma vida menos isolada e ansiosa. Seu estilo estabeleceu uma conexão direta com o consciente coletivo de sua geração. Muitos de seus leitores concordariam com a afirmação do crítico do *New York Times* A. O. Scott, para quem “[a voz literária de Wallace] é instantaneamente reconhecível mesmo quando é ouvida pela primeira vez. Era — é — a voz dentro da nossa própria cabeça”.

Wallace começou a publicar resenhas literárias e pequenos artigos ainda no fim dos anos 1980, durante seus anos de graduação, mas o embrião do estilo jornalístico que desenvolveu nos vinte anos seguintes talvez esteja em seu primeiro texto para a revista *Harper's*, da qual se tornaria um colaborador frequente. “Tennis, Trigonometry, Tornadoes” [Tênis, trigonometria, tornados], publicado em 1991, é um ensaio autobiográfico em que o autor conta como na adolescência, jogando tênis, aprendeu a realizar complicados cálculos geométricos para descobrir como se beneficiar dos ventos fortes que varriam a zona rural de Illinois. Quando começou a disputar torneios mais sérios em quadras de mais qualidade, protegidas do vento, seu jogo foi por água abaixo. O padrão se expande por toda a obra de Wallace: a filtragem intelectual obsessiva, mais uma prisão

do que uma escolha, é solapada assim que desafios maiores e conflitos maduros se apresentam. O tênis, também um dos assuntos principais em *Infinite Jest*, apareceria em dois outros artigos que se tornariam clássicos da crônica esportiva: “The Sting Theory” [Teoria das Cordas], publicado na *Esquire* em 1996, e “Federer como experiência religiosa”.

Em 1993, Wallace publicou um de seus ensaios mais famosos, “E Unibus Pluram: Television and U.S. Fiction” [E Unibus Pluram: a televisão e a ficção nos Estados Unidos], no qual denuncia a influência nociva da ironia da linguagem televisiva na literatura de ficção. “A ironia, embora prazerosa, tem uma função quase exclusivamente negativa”, afirma. “É crítica e destrutiva, boa para limpar o terreno. Com certeza era assim que nossos pais pós-modernos a viam. Mas é particularmente inútil quando se trata de construir alguma coisa para pôr no lugar das hipocrisias que expõe.”² Sua crítica ao abuso da ironia estéril na literatura antecipou a disseminação do “consumo irônico” e a ascensão dessa figura retórica a discurso predominante da sociedade conectada.

Assim como “E Unibus Pluram”, vários outros ensaios e reportagens importantes ficaram de fora por questões de 1) extensão do livro e 2) adequação à proposta editorial. Entre eles estão “David Lynch não perde a cabeça”,³ em que Wallace discorre sobre o cinema de David Lynch e visita o set de filmagens de *A estrada perdida* tomando o cuidado de não falar com o diretor em momento algum apesar de tê-lo à disposição a um palmo do nariz, e “Up, Simba”, sobre a campanha presidencial de John McCain à presidência dos Estados Unidos.

Entre os textos selecionados, além do já citado perfil do tenista Roger Federer, de “Alguns comentários sobre a graça de Kafka dos quais provavelmente não se omitiu o bastante” (uma breve palestra sobre o humor em Kafka) e “Isto é água” (um discurso de paraninfo), temos o trio de grandes reportagens exemplares do estilo de jornalismo literário praticado por Wallace: “Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo”, uma hilária incursão socioantropológica numa feira rural de Illinois; “Uma coisa supostamente divertida que eu nunca mais vou fazer”, relato minucioso, para dizer o mínimo, de uma experiência de viagem num navio de cruzeiro; e, finalmente, “Pense na lagosta”, misto de artigo sobre feira gastronômica e tratado de ética alimentar. Na seção seguinte comentarei rapidamente os textos escolhidos. Pode ser que você prefira ler o livro antes.

Numa entrevista publicada no *Boston Phoenix* em 1998, quando indagado a respeito da diferença entre escrever ficção e não ficção, Wallace respondeu: “Não sou jornalista e não finjo ser, e a maioria dos artigos incluídos em *A Supposedly Fun Thing I’ll Never Do Again* foi passada para mim com instruções enlouquecedoras do tipo ‘Apenas vá para tal lugar, gire 360 graus algumas vezes e nos conte o que viu’”. O ensaio “Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo”, de 1993, foi o primeiro a deixar bem claro o que David Foster Wallace era capaz de fazer com uma pauta tão vaga. Estruturado como um diário, com entradas de data e horário, o texto começa com uma bela descrição do sentimento de atravessar de carro a planura ilusória da região rural de Illinois, na verdade uma sutilíssima “onda senoidal”, e em seguida expõe o cômico processo de obtenção das credenciais de imprensa. Wallace retrata a si mesmo como um intruso desorientado e fora de lugar, a quem só resta sublinhar repetidas vezes sua falta de jeito, catalogar com sarcasmo e perplexidade o que transcorre à sua volta e bolar teorias intelectuais para explicar o que se passa. Seu contraponto é a Acompanhante Nativa, uma amiga que se mistura ao clima de celebração da feira agrícola, flertando com caubóis e comendo porcarias sem culpa, ou seja, ressaltando, por contraste, o distanciamento do narrador. As descrições às vezes fazem pensar num extraterrestre ultraeloquente. “Os rostos dos cavalos são compridos e por algum motivo lembram caixões.” Uma luta de boxe na categoria infantil é descrita como “um vale-tudo encarniçado entre dois molequinhos que ficam parecendo ter cabeças grandes demais para o corpo por causa dos capacetes”. O texto se mantém engraçado quase o tempo todo, mas a graça apenas ressalta a alienação do observador, que atinge proporções aterrorizantes nas últimas páginas, quando entra em cena um gigantesco e cruel brinquedo do parque.

Esse procedimento foi levado às últimas consequências naquele que talvez seja o seu ensaio mais importante e aclamado, “Uma coisa supostamente divertida que eu nunca mais vou fazer”, conhecido também como “o texto do navio”. Escalado novamente pela *Harper’s* para dar uma espiada num ecossistema pitoresco da classe média americana — dessa vez um passeio de uma semana pelo Caribe a bordo de um navio de cruzeiro turístico — e retornar contando o que viu, Wallace produziu um relato de mais de cem páginas esmiuçando a experiência de ser “mimado até a

morte” em alto-mar. O sentimento de deslocamento e a ansiedade trazida pela autoconsciência irônica, já explorados em outros textos, são exacerbados aqui com uma verborragia deliciosa e com o uso repetido de notas de rodapé por vezes quilométricas. Se no relato da Feira de Illinois ele parece mais interessado nos funcionários do parque e animais enjaulados do que nos visitantes que estão ali presentes para desfrutar a ocasião sem questionamentos, a bordo do *Nadir* ele se atém principalmente aos membros mais invisíveis da tripulação, aos eventos mais bisonhos do roteiro de atrações a bordo e ao funcionamento mecânico das entranhas da embarcação. É tão hilariante quanto desesperador acompanhar a obsessão de Wallace pelo sistema de descarga a vácuo da privada de seu camarote ou pela presciência misteriosa da camareira que de algum modo sempre sabe a hora certa de arrumar a cama. É certo que podemos detectar algum esnobismo ou desprezo em sua postura (quando descreve seus companheiros de mesa de jantar, por exemplo), mas mesmo isso é digerido e reaproveitado para ressaltar o tormento de ver o mundo com uma mente que não consegue parar de narrar, calcular e explicar a experiência imediata — a mesma condição que faz Hal, o personagem mais autobiográfico de *Infinite Jest*, terminar quase literalmente trancado dentro da própria caveira.

Faço essa menção repentina à sua obra de ficção para salientar que o jornalismo de Wallace toma liberdades ficcionais que não são aceitas por defensores de um jornalismo rigorosamente objetivo. Em 2011, o escritor Jonathan Franzen, que era um dos melhores amigos de Wallace e manteve com ele uma relação ambígua de respeito e competição, comentou em conversa com o jornalista David Remnick, num evento da *New Yorker*, que Wallace teria inventado diálogos em seu ensaio sobre o cruzeiro. É impossível saber até que ponto isso é verdade, mas o próprio Wallace declarou numa conversa com David Lipsky, publicada no livro *Although of Course You End Up Becoming Yourself* [Embora no fim você acabe se tornando você mesmo], que teria colocado falas de outras pessoas na voz da Acompanhante Nativa no ensaio da Feira de Illinois. É o tipo de coisa que, se confirmada, faria um purista da objetividade torcer o nariz. Mas essa seria uma maneira equivocada de abordar o jornalismo literário de Wallace, no qual o compromisso de fidelidade diz respeito sobretudo à experiência do repórter, ou do escritor brincando de jornalista, o que justifica a prevalência ocasional de expedientes literários.

Essa liberdade adquire outra feição no ensaio “Pense na lagosta”, publicado originalmente em 2004 na *Gourmet Magazine*. Enviado para cobrir o Festival da Lagosta do Maine, Wallace inicia o texto com um relato um tanto semelhante ao da Feira de Illinois, até se deparar com o processo de cozimento das lagostas, que são atiradas vivas na panela fervente. De repente o ensaio se transforma numa extensa investigação científica e filosófica sobre a legitimidade de causar sofrimento animal em nome do hedonismo gastronômico. Wallace não hesita em concluir o texto conclamando os leitores da revista a refletirem sobre sua postura ética diante da questão.

Em “Alguns comentários sobre a graça de Kafka dos quais provavelmente não se omitiu o bastante”, Wallace sugere que a espirituosidade do autor tcheco pode ser “inacessível a jovens que nossa cultura treinou para ver piadas como entretenimento e entretenimento como conforto”. Mais que isso, ele parece fazer um mea-culpa de seu próprio estilo de sarcasmo distanciado ao dizer que “o humor de Kafka não possui quase nenhum dos formatos e códigos típicos do divertimento contemporâneo dos Estados Unidos. Não há jogos de palavras recorrentes nem acrobacias aéreas verbais, e pouco no que se refere a tiradinhas jocosas e sátiras mordazes”. Acima de tudo, o texto é um testemunho do talento didático do autor (de 2002 até um pouco antes de sua morte, Wallace foi professor de literatura e escrita criativa no Pomona College) e um exemplo perfeito de *punch* literário. O texto que versa sobre a “piada fundamental em Kafka” funciona estruturalmente como uma piada bem contada que faz eclodir, em vez do riso, um belo *insight* metafísico.

Em 2005, Wallace fez um discurso de paraninfo para uma turma de formandos no Kenyon College. O texto, intitulado “Isto é água”, circulou na internet por anos até ser publicado como livro após a sua morte. Partindo de uma parábola sobre dois peixinhos incapazes de perceber a água em que vivem imersos, Wallace discorre sobre a necessidade de prestar atenção constante ao mundo e exercitar a empatia para conseguir enfrentar a solidão essencial de uma vida adulta. É um texto de caráter francamente edificante, com toques de moralismo e religiosidade, que salienta o tempo todo os clichês em que se apoia. “É claro que isso não passa de uma platitudo banal”, ele diz sobre a parábola dos peixinhos, “mas o fato é que nas trincheiras cotidianas da existência adulta as platitudes banais podem ter uma importância vital.” Wallace era leitor de livros de budismo e autoajuda

(há indícios de que lia tudo que é tipo de livro que existe) e gostava de lembrar que clichês nada mais são que verdades que ficaram desgastadas pelo uso recorrente. É um texto inspirador, construído com extrema habilidade, que ganha ainda mais significado se posicionado no conjunto de sua obra, no espectro oposto de contos quase intransponíveis como “Oblivion” [Oblívio], publicado em 2004 na coletânea de mesmo título.

Por fim, temos em “Federer como experiência religiosa” um exemplo condensado das principais virtudes da obra de Wallace. Convidado pelo *New York Times* para escrever um perfil do maior tenista vivo e quiçá de todos os tempos, Wallace assistiu à partida entre Federer e Nadal na final de Wimbledon em 2006 e produziu uma reportagem esportiva como nenhuma outra. O texto é ao mesmo tempo um tratado sobre a evolução do tênis moderno, uma veneração apaixonante pelo tenista suíço e uma meditação sobre o corpo e a mortalidade. Diversas narrativas se expandem e se entrelaçam, de maneira entrecortada, em blocos de texto e notas de rodapé, entre elas a história de um menino de sete anos que sobreviveu ao câncer e foi o convidado daquela ocasião para realizar o cara e coroa ritual que dá início à partida. Wallace discorre sobre a “beleza cinética” do tênis, sugerindo que ela tem a ver com “a reconciliação do ser humano com o fato de possuir um corpo”. Fala dos “Momentos Federer” que colocam espectadores como ele de joelhos diante da televisão. Descreve pontos complexos da partida com uma precisão eletrizante e faz uso de metáforas poderosas e dados matemáticos para recriar para o leitor o ponto de vista de um tenista de elite. Trata o que seria o momento decisivo de sua apuração, uma entrevista cara a cara com Federer, com relativo desdém e tira o máximo rendimento de um comentário casual feito pelo motorista do ônibus de imprensa. E encerra seu artigo com dois exemplos do que podemos chamar de “Momentos dfw”. O primeiro pode até passar despercebido, mas causa impacto assim que nos damos conta dele: Wallace não conta como a partida termina. Federer e Nadal são apresentados como dois combatentes lutando pela supremacia no tênis moderno, mas ele abandona o confronto sem mais explicações depois de narrar um lance do quarto game do segundo set. O segundo exemplo está no fato de que a verdadeira conclusão do artigo, seu clímax em todos os sentidos, está numa nota de rodapé colocada no penúltimo parágrafo. A epifania é um adendo. Você precisa prestar atenção.

Na ficção de David Foster Wallace, exigir um grande esforço do leitor costuma ser parte da estratégia, seja por meio da extensão, da linguagem ou da complexidade das técnicas narrativas empregadas. Sua não ficção, em comparação, é intelectualmente estimulante e ao mesmo tempo calorosa, convidativa e com frequência hilária. É isso que esperamos que o leitor encontre nesta antologia. Para os recém-chegados, que seja uma porta de entrada. Para os de casa, que ajude a constatar que a aparente distância entre a alta exigência de seus contos e o acolhimento de sua não ficção esconde o terreno comum do rigor, das inquietações e da compaixão.

¹ “An Interview with David Foster Wallace”, *Review of Contemporary Fiction*, vol. 13, nº 2, Summer, 1993, pp. 127-50.

² Tradução de Sérgio Rodrigues postada no blog Todoprosa.

³ Publicado na revista *Arte e Letra: Estórias B* (2008), tradução de Caetano W. Galindo.

1. Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo

05/08/93/8h00. O Dia da Imprensa acontece cerca de uma semana antes da abertura da Feira. Devo comparecer ao Prédio Illinois lá pelas 9h00 para conseguir Credenciais de Imprensa. Imagino as Credenciais como um cartãozinho branco na faixa de um fedora. Nunca fui considerado Imprensa na vida. Meu principal interesse nas Credenciais é poder andar de graça nos brinquedos e em todo o resto.

Acabo de chegar da Costa Leste para ir à Feira Estadual de Illinois a convite de uma revista classuda da Costa Leste. Por que exatamente uma revista classuda da Costa Leste está interessada na Feira Estadual de Illinois continua sendo um mistério para mim. Suspeito que de vez em quando os editores dessas revistas dão um tapa na testa, lembram que cerca de 90% dos Estados Unidos ficam entre as Costas e resolvem mobilizar alguém com chapéu de explorador para fazer uma cobertura antropológica de qualquer coisa rural e interiorana. Acho que decidiram me mobilizar dessa vez porque na verdade eu cresci perto daqui, a apenas duas horas de carro de Springfield, no sul do estado. Só que eu nunca fui à Feira Estadual quando era novo — meio que dei o serviço por encerrado ao chegar no nível da Feira Municipal.

Em agosto a neblina matinal leva horas para se desmanchar. O ar parece lã molhada. 8h00 é cedo demais para justificar o ar-condicionado do carro. Estou na I-55 indo para sso. O sol é um borrão num céu mais opaco do que nebuloso. O milho surge colado aos acostamentos e se estende até a borda do céu. O milho de agosto é da altura de um homem alto. Hoje em dia o milho de Illinois chega à altura do joelho lá pelo dia 4 de maio, graças aos avanços em fertilizantes e herbicidas. Gafanhotos estridulam em todos os campos, um som elétrico e estridente que alcança o interior do carro em alta velocidade com um estranho efeito Doppler. Milho, milho, soja, milho, rampa de acesso, milho e a cada punhado de quilômetros uma vivenda muito afastada num recanto distante — casa, árvore c/ balanço de pneu,

celeiro, parabólica. Silos de grãos são a coisa mais próxima de prédios. A Interestadual é monótona e sem cor. Os outros carros ocasionais parecem todos fantasmagóricos e seus motoristas têm o semblante entorpecido pela umidade. Uma neblina paira logo acima dos campos como se fosse a mente da terra ou algo assim. A temperatura passa dos 27 e já começa a subir com o sol. Vai chegar a 32 ou mais às 10h00, dá para prever: o ar já mostra sinais daquele retesamento característico, como se estivesse se recolhendo para enfrentar um longo cerco.

Credenciais às 9h00, Boas-Vindas e Pauta às 9h15, Tour de Imprensa em Trenzinho Especial às 9h45.

Cresci na região rural de Illinois mas fazia tempo que não voltava e não posso dizer que senti falta — o calor lêvedo, a desolação opulenta do milho interminável, a planura.

Mas é como andar de bicicleta, de certa forma. O corpo nativo se reajusta automaticamente à planura, e conforme sua calibragem melhora, dirigindo, você começa a perceber que a planura uniforme é apenas aparente. Há irregularidades, altos e baixos, leves porém ritmados. O tiro retilíneo da I-55 começará, da forma mais tênue, a se elevar, talvez 5° num quilômetro e meio, para então descer de novo com a mesma sutileza, e então você verá mais adiante uma ponte passando por cima de um rio — o Salt Fork, o Sangamon. Os rios são caudalosos, mas nada parecido com os arredores de St. Louis. Essas sutis elevações que depois descem até rios são morainas glaciais, marcas do antigo gelo que se depositava rente à superfície do Meio-Oeste. Os rios mirrados têm origem em escoamentos glaciais. O caminho inteiro é uma dessas ondas senoidais, mas é como ter pernas de marinheiro: se você não passou anos aqui, nunca irá sentir. Para o povo das Costas, a topografia do il rural é um pesadelo, algo que dá vontade de baixar a cabeça e atravessar correndo — o opaco do céu, a constância do verde enfadonho das plantações, a paisagem plana e enfadonha e infinita, uma monotonia para os olhos. Para os nativos é diferente. Para mim, pelo menos, ela se tornou sinistra. Na época em que fui embora para fazer faculdade a região já parecia menos enfadonha do que vazia, solitária. Solitária tipo meio-do-oceano. Você pode passar semanas sem enxergar um vizinho. Dá nos nervos.

05/08/9h00. Mas então ainda falta uma semana para a Feira e há algo de surreal no vazio de áreas de estacionamento tão enormes e complexas que possuem seu próprio mapa. As partes do Pátio da Feira que posso ver ao entrar de carro estão divididas em estruturas permanentes e tendas e estandes em variados graus de edificação, dando à coisa toda a aparência de alguém parcialmente vestido para um encontro muito importante.

05/08/9h05. O homem que processa as Credenciais de Imprensa é insípido, pálido, usa bigode e veste uma camisa de malha de manga curta. Enfileirados diante de mim estão repórteres experientes dos periódicos *Today's Agriculture*, *Decatur Herald & Review*, *Illinois Crafts Newsletter*, *4-H News* e *Livestock Weekly*. No fim das contas a Credencial de Imprensa é somente uma fotografia de rosto plastificada com uma boquinha de jacaré para prender no bolso; não há fedoras no recinto. Duas senhoras mais velhas de um órgão local de horticultura puxam conversa comigo em jargão profissional. Uma das senhoras descreve a si mesma como Historiadora Extraoficial da Feira Estadual de Illinois: sai por aí exibindo slides da Feira em asilos e almoços do Rotary. Começa a emitir dados históricos em alta velocidade — a Feira teve início em 1853; houve uma Feira em cada ano da Guerra Civil, mas não durante a Segunda Guerra, e também não houve Feira em 1893 por alguma razão; o Governador não teve condições de cortar pessoalmente a fita do Dia de Inauguração somente duas vezes etc. Me ocorre que eu provavelmente deveria ter trazido um bloco de notas. Também percebo que sou a única pessoa no recinto que está de camiseta. É uma cafeteria com iluminação fluorescente dentro de algo chamado Centro da Melhor Idade do Prédio Illinois, não refrigerada. Todas as equipes de tv locais dispuseram seus apetrechos sobre as mesas e estão encostadas nas paredes descansando e conversando sobre as enchentes apocalípticas de 1993 ocorridas um pouco mais para oeste e que seguem em andamento. Todos usam bigodes e camisas de malha de manga curta. Na verdade os únicos outros homens do recinto sem bigode e camisa de golfe são os repórteres de tv locais, quatro deles, todos vestidos com ternos de corte europeu. São alinhados, não suam e têm profundos olhos azuis. Estão reunidos em pé junto ao palanque. O palanque tem um pódio, uma bandeira e uma faixa dizendo a gente quer curtição!, o que deduzo ser provavelmente o Tema da Feira desse ano, mais ou menos como os Temas dos bailes de

formatura do colégio. Uma ausência cativante de atrito paira sobre os repórteres de tv, todos possuidores de cabelo curto e loiro e uma maquiagem vagamente alaranjada. Uma vivacidade. Fico sentindo uma ânsia esquisita de votar neles para alguma coisa.

As senhoras mais velhas atrás de mim dizem que apostaram que estou aqui para cobrir ou a corrida de carros ou a música pop. Não têm intenção de ofender. Explico por que estou aqui, mencionando o nome da revista. Elas se olham, os rostos radiantes. Uma delas (não a Historiadora) chega a espalmar as mãos contra as bochechas.

“*Amo as receitas*”, diz ela.

“*Adoro as receitas*”, diz a Historiadora Extraoficial.

E acabo meio que propelido até uma mesa só de mulheres com mais de 45 e apresentado como enviado da revista *Harper's*, e todas se olham com uma reverência astronômica e concordam que as receitas são realmente de primeira categoria, coisa fina, o que há de melhor. Uma receita seminal envolvendo Amaretto e algo denominado “chocolate de confeitiro” está sendo lembrada e discutida quando a microfonia de um alto-falante dá início ao processo de Boas-Vindas à Imprensa & Coletiva Oficial da Feira.

A Coletiva é chata. O que recebemos dos funcionários da Feira, anunciantes de produtos e políticos estaduais de escalão intermediário não é tanto uma fala, mas um espancamento retórico. Os termos *felicidade*, *orgulho* e *oportunidade* são empregados em um total de 76 vezes antes de eu perder a conta. De repente me cai a ficha de que todas as senhoras mais velhas com quem divido a mesa agora confundiram *Harper's* com *Harper's Bazaar*. Acham que sou alguma espécie de colunista gastronômico ou um garimpeiro de receitas, aqui presente para talvez catapultar algumas das vencedoras dos concursos de comida do Meio-Oeste ao primeiro time das donas de casa. A Rainha da Feira Estadual de Illinois, com a tiara pregada ao maior penteado que já vi (coques em cima de coques, múltiplas camadas, um verdadeiro bolo de casamento capilar), tem o orgulho e a alegria de ter a oportunidade de apresentar dois caras de uma grande empresa, inexpressivos e suando sem parar dentro dos seus ternos, que por sua vez comunicam o orgulho e a empolgação do McDonald's e do Wal-Mart por terem a oportunidade de ser as maiores empresas patrocinadoras da Feira esse ano. Me ocorre que, se eu permitir que o mal-entendido do garimpeiro-de-receitas-da-*Harper's-Bazaar* persista e circule, poderei surgir a qualquer momento nas tendas do Concurso de Sobremesas com minhas Credenciais

de Imprensa para ser alimentado com sobremesas premiadas gratuitas até precisar ser levado embora numa maca. Senhoras mais velhas do Meio-Oeste *sabem* fazer doces.

05/08/9h50. Avançando a 5 km/h no Tour de Imprensa numa espécie de barça provida de rodas e atravessada ao comprido por um banco tão ridiculamente alto que os pés de todo mundo ficam balançando. O trator que nos puxa tem avisos dizendo etanol e movido a agricultura. Me agrada particularmente ver o pessoal do parque montando os brinquedos no “Vale da Alegria” do Pátio da Feira, mas primeiro nos dirigimos às tendas políticas e empresariais. Quase todas ainda estão sendo armadas. Trabalhadores engatinham no topo de armações estruturais. Acenamos para eles; eles acenam de volta; é absurdo: estamos a apenas 5 km/h. Uma tenda anuncia milho: tocando nossa vida todos os dias. Há gigantescas tendas multimatizadas, cortesia das seguintes empresas e instituições: McDonald’s, Miller Genuine Draft, Osco, Morton Commercial Structures Corp., Associação da Soja Terra de Lincoln (veja para onde vai a soja! num estande pela metade), Pekin Energy Corp. (orgulho de nossa sofisticada tecnologia de processamento computadorizada), Produtores Suínos de Illinois e Sociedade John Birch (com certeza visitaremos essa tenda). Duas tendas anunciam republicanos e democratas. Outras tendas menores abrigam diversos funcionários públicos de Illinois. Já passa dos trinta graus e o céu tem a cor de jeans desbotados. Passamos por um conjunto de elevações até chegar na Exposição Agrícola — cinco hectares de arados truculentos com dentes pontiagudos, tratores, colheitadeiras e semeadores — e depois no Mundo da Preservação, nove hectares dedicados à preservação de algo que não chego a compreender muito bem o que é.

Depois voltamos por trás das grandes estruturas permanentes — o Prédio dos Artesãos, o Centro da Melhor Idade do Prédio Illinois, o Centro de Exposições (está escrito aves no tímpano, mas é o Centro de Exposições) — passando tantalizadamente perto do Vale da Alegria, onde brinquedos semidesmontados se erguem em arcos e raios gigantes ao redor dos quais molengam uns caras tatuados sem camisa e carregando chaves de boca, exsudando um suave olor de ameaça e interesse humano — e quero ter a oportunidade de bater um papo com eles antes que o Vale abra e haja pressão para passear de fato nos brinquedos do parque, já que sou uma

daquelas pessoas que passam mal em brinquedos que proporcionam Experiências-de-Quase-Morte — mas seguimos nos arrastando por uma pista de asfalto até os Pavilhões Animais no setor oeste (contra o vento!) do Pátio da Feira. A essa altura, boa parte da Imprensa saiu do trezinho e está caminhando para fugir do alto-falante do passeio, que é diminuto e brutal. Complexo Equino. Complexo Bovino. Pavilhão Suíno. Pavilhão Ovino. Pavilhões Aviário e Caprino. Todos são alojamentos compridos de tijolos abertos nas duas pontas. Dentro de alguns há baias; outros possuem cercados divididos em quadrados com grades de alumínio. Os interiores são de cimento cinza, mortiços e pungentes, com ventiladores imensos no teto e trabalhadores de avental e botas de borracha passando a mangueira em tudo. Nada de animais por enquanto, mas os odores do ano passado persistem — o cheiro dos cavalos é penetrante, o das vacas é encorpado, o das ovelhas é oleoso, o dos porcos é inominável. Não faço ideia de como cheirava o Pavilhão Aviário porque não consegui me forçar a entrar. Fui bicado uma vez de forma traumática, na infância, na Feira Municipal de Champaign, e tenho um lance fóbico de longa data com relação a aves.

Com o escapamento do trator movido a etanol liberando um odor literalmente flatulento, nos arrastamos ao largo da Grande Arquibancada onde parece que haverá concertos noturnos e corridas de charrete e de carro — “a milha de chão batido mais veloz do mundo” — e seguimos em direção a uma coisa chamada tenda Ajuda-me a Crescer para interagir com a primeira-dama do estado, Brenda Edgar. Me ocorre que os 148 hectares de terreno do Pátio da Feira são terrivelmente acidentados para o sul de Illinois; caso não se trate de uma anomalia geológica, houve intervenção humana. A tenda Ajuda-me a Crescer fica sobre uma crista coberta de grama com vista para o Vale da Alegria. Acho que fica perto de onde estacionei. Os brinquedos desmantelados lá embaixo dão complexidade à paisagem. O Centro de Exposições e o Coliseu sobre a crista oposta do outro lado do Vale possuem estranhas fachadas neogeorgianas, muito semelhantes aos prédios mais antigos da U. Estadual em Champaign. No que tange à natureza, é uma bela vista. A enchente para valer fica bem a oeste de Springfield, mas fomos atingidos pela mesma chuva e a grama aqui está viçosa e verdejante, as folhas das árvores inflam explosivamente como as árvores em Fragonard e tudo aqui tem uma fragrância de coisa suculenta, altamente comestível e em processo de amadurecimento num mês em que me recordo de ver tudo seco e abatido. O primeiro sinal da área Ajuda-me a